

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Teatro- Licenciatura



Monografia

**Amador e Profissional no Teatro: reflexões a
cerca de suas características e qualidades**

Ândrea Guerreiro Fonseca

Pelotas, 2014

ANDREA GUERREIRO FONSECA

**Amador e Profissional no Teatro: reflexões acerca de suas características
e qualidades**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Teatro –
Licenciatura da Universidade Federal de
Pelotas como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em Teatro

Orientador: Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira

Pelotas, 2014

Ândrea Guerreiro Fonseca

Amador e Profissional no Teatro: reflexões acerca de suas características e
qualidades

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial obtenção do
grau de Licenciatura em Teatro, curso de Teatro – Licenciatura, Universidade
Federal de Pelotas.

Data da Defesa:10/02/2014

Banca Examinadora:

.....
Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira (orientador) Doutor em Educação
pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof. João Batista Soares de Lima Mestre em Artes Cênicas pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

.....
Prof. Dr. Dagma Colomby Licenciada em Letras pela Universidade Católica de
Pelotas.

Dedico a todos os estudantes do curso de Teatro – Licenciatura e aos diretores teatrais da cidade de Pelotas que me ajudaram na realização deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe por todo amor, carinho, dedicação, educação, confiança e principalmente por sua proteção, sem os quais eu não teria conseguido chegar aqui.

A meu pai pelo apoio e compreensão.

A todos os professores do Curso de Teatro – Licenciatura, por todos os conhecimentos ensinados, por sua dedicação ao curso e por sua preocupação e carinho para com os alunos.

Ao meu orientador Adriano Moraes, por seu incentivo, sua dedicação, seus ensinamentos, seu cuidado e principalmente por sua calma e paciência.

Aos colegas de Curso pelas experiências e troca de conhecimentos.

A colega Dagma Colomby, por acreditar em mim desde o início, por me incentivar, por levantar o meu astral, por me defender, por me passar seus conhecimentos, por estar comigo em todos os momentos, enfim por sua amizade incondicional que me fez não desistir.

Ao colega Everton Mariano por sua amizade, seu carinho, sua confiança, sua paciência, seus conselhos e por formar a melhor dupla de estágio que uma pessoa poderia querer.

A colega Juliana Barbachã por sua amizade, sua alegria, por me fazer rir sempre e por sua disposição em ajudar a todo momento.

Ao Vagner Vargas por sua disposição em ajudar e compartilhar o conhecimento.

Aos diretores teatrais Flávio Dornelles, Chico Meirelles e Valter Sobreiro, pela excelente recepção, pela disposição em ajudar e pela contribuição ao trabalho.

E principalmente a Deus, por me dar força, conhecimento e por colocar pessoas especiais e iluminadas no meu caminho.

O artista deve olhar o belo (e não só olhar, mas saber ver) em todos os campos da arte e da vida próprios e dos outros. Ele precisa de impressões de bons espetáculos e artistas, concertos, museus, viagens, bons quadros de todas as tendências, das mais esquerdistas às mais direitistas, porque ninguém sabe o que lhe vai inquietar a alma e revelar os mistérios da criação (STANISLAVSKI)

Resumo

FONSECA, Ândrea Guerreiro. **Amador e Profissional no Teatro: reflexões a cerca de suas características e qualidades**, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Núcleo de Artes Cênicas, Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

O objetivo desta pesquisa é compreender os termos amador e profissional quando empregados no campo teatral. A pesquisa partiu de um interesse em saber o quanto de preconceituoso existe no conceito de ser amador e profissional no teatro. Os principais teóricos usados foram Stanislavski, Duvignaud, Hessel, Magaldi e Guzik. O primeiro procedimento foi à pesquisa bibliográfica sobre o teatro amador e o teatro profissional em uma perspectiva histórica e social. O estudo teórico possibilitou o avanço para a coleta de dados. Primeiramente foi criado um grupo de controle. Este grupo era composto por alunos do segundo e do oitavo semestre do curso de Teatro – Licenciatura. Estes estudantes responderam por escrito as seguintes perguntas: o que é teatro amador? O que é teatro profissional? A partir das respostas dos estudantes foi elaborado um quadro comparativo entre teatro amador e teatro profissional que serviu de base para as entrevistas com os três diretores teatrais que trabalham, no mínimo, desde 1980 na cidade de Pelotas: Chico Meirelles, Flávio Dornelles e Valter Sobreiro. As entrevistas com os diretores permitiram refletir e avaliar o emprego dos termos amador e profissional no teatro. Nas considerações finais foi verificado que tais termos são aplicados de maneira errônea e preconceituosa na área teatral e que o mais adequado seria fazer uma reavaliação no emprego de tais termos em tempos atuais.

Palavras-chave: amador; profissional; teatro; qualidades; trabalho

Sumário

1 Introdução.....	9
2 Ações Metodológicas.....	11
3 Reflexões sobre amadorismo e profissionalismo no teatro	14
3.1 Stanislavski e sua busca pela profissionalização.....	20
4 Analise das entrevistas com os estudantes de teatro e diretores teatrais de Pelotas.....	24
4.1 O que pensam os estudantes de teatro.....	24
4.2 O que pensam os diretores teatrais da cidade.....	31
5 Considerações finais.....	39
Referências.....	42
Apêndices.....	44

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata sobre os temas amador e profissional no campo teatral. O foco da pesquisa é analisar as qualidades de ser amador e ser profissional no contexto teatral de Pelotas a partir de reflexões dos diretores de teatro que atuam desde os anos 1980 de maneira ininterrupta. A pesquisa parte de um interesse pessoal de compreender melhor os termos e verificar quanto de preconceituoso há no termo amador e quais os requisitos para que um indivíduo possa se intitular profissional de teatro.

Uma primeira dificuldade se impôs à pesquisa: a escassez de material bibliográfico que tratasse especificamente sobre a temática. Diante dessa dificuldade optei por dialogar com parte do texto “Minha Vida na Arte” de Constantin Stanislavski (1989) e artigos que se aproximam do assunto de minha pesquisa.

A referência de Stanislavski, mais especificamente onde é tratado sobre o período de amadorismo do mestre russo e sua busca pela profissionalização, me fez adotar como parâmetro definições sobre ser amador e ser profissional em teatro. Essas definições servem de apoio para analisar os dados coletados no trajeto de pesquisa.

A intenção última da pesquisa foi o de compreender o que pensam os artistas de teatro de Pelotas sobre os sentidos de ser amador ou ser profissional em teatro. Contudo, antes de entrevistar os artistas pelotenses que estão em atividade desde 1980, optei por criar um grupo de controle.

O grupo de controle foi constituído de estudantes do curso de Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Foram escolhidos os alunos do segundo semestre, que eram no momento da realização da pesquisa os calouros e os alunos do oitavo semestre, os formandos. Esses alunos responderam por escrito às seguintes questões: O que é teatro amador? O que é teatro profissional? As respostas dessas questões foram organizadas em grupos por semelhanças e utilizadas nas entrevistas com diretores de teatro de Pelotas que atuam desde os anos 1980, a saber: Valter Sobreiro, Flávio Dornelles, Chico Meirelles.

As entrevistas com os diretores foram estruturadas a partir de temáticas que apareceram nas respostas dos alunos do curso de teatro da UFPel– grupo de controle – consideradas mais importantes pela pesquisadora. As entrevistas, portanto, foram semi-estruturadas e buscaram estimular a reflexão dos diretores em relação ao tema teatro amador *versus* teatro profissional.

Para fins de relatório, organizei o texto em quatro capítulos:

No primeiro capítulo discorro acerca da metodologia utilizada na pesquisa, bem como os sujeitos pesquisados e os instrumentos de coleta de dados.

No segundo capítulo o foco se concentra na temática central da pesquisa. Busco, neste capítulo, apresentar um estudo sobre o amador e o profissional de teatro em uma perspectiva histórica e sociológica.

O terceiro capítulo é dedicado a análise da seleção, coletas das entrevistas feitas com os estudantes do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel e com os diretores da cidade que já trabalham, no mínimo, desde os anos 1980 na área teatral, sendo eles atores e diretores.

Por último trago a conclusão onde retomo os principais conceitos, do ser amador e do ser profissional no teatro, expostos durante a pesquisa e faço uma reflexão final sobre o emprego destes termos em tempos atuais.

2 AÇÕES METODOLÓGICAS

Foi a partir das aulas de Encenação II, cadeira obrigatória do curso de Teatro – Licenciatura na UFPel, que surgiu a presente pesquisa. Durante uma aula desta disciplina, um colega perguntou ao professor a partir de que momento um ator deixa de ser amador e passa a ser profissional. Fiquei muito interessada na explicação, no entanto a resposta do professor me deixou insatisfeita. Decidi saber mais sobre esse assunto, procurei materiais, mas pouco encontrei sobre esse tema. Então decidi desenvolver o tema amador e profissional na área teatral no meu trabalho de conclusão de curso.

O foco da pesquisa foi responder a pergunta: O que é ser amador ou profissional no campo teatral?

Com base em GONSALVES (2007), defino a minha pesquisa como sendo exploratória e qualitativa. Exploratória por ser uma pesquisa “que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias” (GONSALVES, 2007, p. 67) e qualitativa pelo fato da pesquisa se preocupar “com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas” (GONSALVES, 200, p. 69).

Para alcançar o meu objetivo geral primeiramente realizei uma pesquisa bibliográfica sobre os termos amador e profissional empregados ao teatro. Como resultado encontrei três artigos que se aproximavam do meu tema de pesquisa. Primeiramente li o artigo “Os dois teatros”, de Mervant-Roux (2012), texto publicado no Japão, que foi feito a partir de uma pesquisa realizada na Universidade de Waseda. Esse artigo fala sobre o teatro amador e o teatro profissional na França, suas características, a geografia do teatro amador, os lugares de encenações dos dois teatros e sobre a estrutura amadora e profissional. O segundo foi “De quem é a cena: A regulamentação do exercício dos atores amadores e profissionais no Brasil” MOURA (2010), que trata sobre a regulamentação do trabalho dos atores amadores, sobre a Lei nº 6.533/78, sobre os direitos da livre manifestação artística e a liberdade profissional. E por último “Actores e encenadores: modalidades de encenação no mercado português” de Vera Borges (2006), que traz um estudo realizado com atores e

encenadores profissionais em Portugal falando sobre os grupos amadores e os grupos de teatro escolares como meio de oportunidade para uma futura profissionalização e sobre a importância do aprendizado no interior dos grupos teatrais, assim como nas escolas de especialização teatral.

Então parti para a pesquisa sobre o surgimento do profissionalismo no teatro. Para tal estudo tive como base o texto “Sociologia do comediante” (DUVIGNAUD, 1972). Este texto fala sobre o papel social que o ator desempenha nas sociedades Monárquicas, Liberais e Modernas e também sobre o comediante e seu personagem, fazendo uma relação entre o ator e o papel que ele representa. Em seguida me dediquei a explorar os temas amador e profissional no teatro brasileiro, Tendo como base os livros “Panorama do Teatro Brasileiro” (MAGALDI, 1972) e “TBC: Crônica de um sonho” (GUZIK, 1986). Por último, sentindo a necessidade de um referencial sobre o tema principal da minha pesquisa, li a parte do livro “Minha vida na arte” em que Stanislavski narra o período em que se dedicou ao teatro amador e a passagem do teatro amador para o teatro profissional.

Depois deste estudo bibliográfico me dediquei ao cotejamento dos dados bibliográficos e, naturalmente, escrevi o estudo “Amadorismo e profissionalismo no teatro” (capítulo de fundamentação teórica do presente texto). A fundamentação teórica possibilitou o avanço para a coleta de dados.

O primeiro procedimento de coleta de dados foi à organização de um grupo de controle para a realização de uma entrevista com as seguintes perguntas: “O que é teatro amador?”, “O que é teatro profissional?”.

O grupo de controle foi composto por estudantes do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel (do segundo semestre e do oitavo). Como justificativa para a escolha dos sujeitos para o grupo de controle está o fato de que esses dois grupos (os estudantes do curso de teatro que ingressaram em 2013 e os estudantes que estão se formando) escolheram se profissionalizar no teatro, contudo um está no início do trajeto e outro no final.

No total foram 25 alunos entrevistados, sendo que 17 estavam no primeiro ano de curso e 8 eram formandos. Esta pesquisa teve como objetivo fazer um levantamento das opiniões dos estudantes de teatro da UFPel de modo a evidenciar recorrências sobre o que caracteriza o teatro amador e o teatro profissional. As recorrências nas respostas possibilitou a confecção de

um quadro comparativo entre o teatro amador e o teatro profissional com base nos dados do grupo de controle.

Com o quadro comparativo, realizei as entrevistadas com três diretores de teatro da cidade de Pelotas que trabalham desde os anos 1980 de modo ininterrupto, a saber: Chico Meirelles, Flávio Dornelles e Valter Sobreiro Jr. As entrevistas com esses diretores permitiram uma reflexão sobre o teatro que pratica na cidade de Pelotas em relação ao quadro comparativo criado com o grupo de controle.

A escrita do presente texto, portanto, resulta do seguinte trajeto metodológico: revisão bibliográfica, criação de grupo de controle, entrevista com diretores de teatro que trabalham na cidade de Pelotas de modo ininterrupto desde os anos 1980.

3 REFLEXÕES SOBRE AMADORISMO E PROFISSIONALISMO NO TEATRO

No Rio Grande do Sul o SATED (Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculo de Diversões) tem mostrado um grande interesse em fazer com que os atores do estado obtenham o seu registro na Delegacia Regional do Trabalho, tornando-se assim, do ponto de vista deles, profissionais. Este interesse em que os artistas se registrem talvez esteja ligado ao fato de que quanto maior o número de artistas sindicalizados no estado, maior será a contribuição que o sindicato receberá. Como argumento para convencer os artistas a se registrarem como profissionais o SATED usa o fato de que hoje em dia não se pode trabalhar e nem mesmo fazer testes sem o “DRT”(registro profissional na Delegacia Regional do Trabalho). Outro fato mencionado pelo sindicato é em relação aos direitos trabalhistas que o registro garante ao trabalhador. Porém o que vemos hoje é que o fato de estar registrado como artista profissional não é garantia de emprego ou contrato trabalhista, sendo assim muitos artistas registrados acabam trabalhando de maneira informal, não desfrutando, portanto, dos direitos garantidos por lei.

O fato é que essa divisão entre profissionais e amadores deixa dúvidas quanto às definições entre um e outro. O que define um ator profissional é o registro na delegacia regional do trabalho ou então o fato de ele ser remunerado? O que define o amador é que ele não tira sua renda do teatro? O grupo de teatro amador é aquele que tem um trabalho alternativo, experimental, ou aquele que possui pouca técnica teatral? Os grupos profissionais são aqueles que possuem artistas contratados e remunerados por seu trabalho ou aqueles com uma melhor qualidade técnica?

Segundo o Dicionário Aurélio amador é “1. V. amante 2. Diz-se daquele que se dedica a uma arte ou ofício por prazer sem fazer deste um meio de vida [...] 7. Aquele que entende superficialmente de alguma coisa. (FERREIRA, 2004, p 111). Já para o termo profissional o dicionário traz a seguinte definição: “1. Respeitante ou pertencente à profissão, ou a certa profissão [...] 2. Que exerce uma atividade por profissão ou ofício [...] 3. Diz-se ao que é necessário ao exercício de uma profissão ou próprio dela [...] (FERREIRA, 2004, p. 1637)

A definição dicionarizada de amador citada acima como aquele que ama, amante, que realiza uma atividade por prazer, se aplicaria ao teatro como uma pessoa que se dedica a essa arte por amor, sem remuneração. Enquanto o termo profissional é definido como quem exerce uma profissão, ou seja, no teatro seria aquele artista que tem como profissão a arte. Mas como definir se determinado artista leva como profissão o teatro e outro não o leva? Seria apenas pelo fato da remuneração?

O termo teatro amador foi bastante usado até os anos de 1970, época em que existia uma forte tendência para o teatro político (CPC-UNE)¹ e para o teatro estudantil e universitário². A partir da década de oitenta o termo teatro amador ganhou um sentido pejorativo, como sendo aquele que executa um trabalho de baixa qualidade, inferior aos ditos profissionais. Talvez isso se deva a abertura política e econômica do país e, também, pela LEI Nº 6.533, DE 24 DE MAIO DE 1978, que regulamentou as profissões de artistas e técnicos em espetáculos de diversões no Brasil. Essa lei abrange somente os atores que possuem o registro profissional, ou seja, aqueles que não possuem também não podem usufruir dos direitos citados pela lei. Assim o amador no teatro foi colocado em uma categoria inferior.

Mas em que momento da história do teatro poderia ter começado essa separação entre o amador e o profissional? Jean Duvignaud (1972, p. 69) afirma que foi na sociedade monárquica onde o ator começou a ser tornar profissional:

No entanto, ao mesmo tempo que o nomadismo se desenvolve, a condição de ator profissional tende a definir-se, a fixar-se.[...] O teatro torna-se pouco a pouco uma “instituição” e o comediante, se não se transforma num “funcionário”, pelo menos torna-se um trabalhador regular que produz uma quantidade definida de emoção com data fixa

¹ O CPC (Centro Popular de Cultura) foi uma criação da União Nacional de Estudantes (UNE) em 1961, que tinha como objetivo fazer e divulgar uma arte popular que tivesse um engajamento político. Essa organização reuniu estudantes, intelectuais e artistas de diversos segmentos artísticos assim como o teatro, a música, a literatura, o cinema,... Após o golpe Militar de 1964 o CPC foi fechado. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=cias_biografia&cd_verbete=459> Acesso em 10 de jan. 2014.

² O Teatro do Estudante do Brasil foi criado por Paschoal Carlos Magno em 1938 e qualquer pessoa que tivesse menos de trinta anos e quisesse estudar teatro poderia participar. Em 1958 surge em Pernambuco o primeiro festival de Teatro, por iniciativa de Paschoal Carlos Magno, que nos anos seguintes ira motivar o surgimento de inúmeros grupos de teatro estudantis e universitários. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=conceito_s_biografia&cd_verbete=619> Acesso em 10 de Jan. 2014.

e dispõe assim de meios de subsistência previstos (DUVIGNAUD, 1972 p. 69).

Compreende-se com base nestas palavras que para Duvignaud o conceito de ator profissional está ligado a contratação e a remuneração, pois para ele o ator começa a se tornar profissional quando passa a ser um “funcionário” dispondo de “meios de subsistência previstos”.

Conforme afirma Duvignaud (1972, p. 88) essa definição entre amador e profissional ocorre também com as companhias teatrais da época. Aqueles que tinham o apoio do rei, ou de algum nobre ou senhor abastado, recebiam uma pensão e em troca tinham que cumprir determinadas funções, como um número determinado de apresentações na corte e na casa dos grandes senhores. Lógico que naquela época os termos amador e profissional não eram utilizados, porém, já se começa a perceber uma das definições de profissão que temos hoje, o ator ou o grupo de teatro que é remunerado por seu trabalho, não sendo pelo público, mas sim por um contratante.

Com base no que diz HESSEL (1972), no Brasil as primeiras peças teatrais foram escritas pelos jesuítas, assim como foram eles também que organizaram as primeiras representações teatrais. Essas representações tinham como público alvo os indígenas e os colonos como um “excelente meio de apostolado: ilustração de um catecismo elementar, prolongado de uma liturgia rudimentar” (HESSEL 1972, p. 15).

Percebe-se que as primeiras peças teatrais escritas e apresentadas no país, não tinham como objetivo a dramaturgia ou a dramatização, pois a intenção dos missionários jesuítas no Brasil não era a artística, mas sim a religiosa. Por isso os vários autos escritos naquela época, principalmente por P. Anchieta (1534-1597), foram com o objetivo de:

[...] levar a fé e os mandamentos religiosos á audiência, num veículo ameno e agradável, diferente da prédica seca dos sermões. Acresce que os índios eram sensíveis a música e a dança, e a mistura das várias artes atuava sobre o espectador com vigoroso impacto. A missão catequética dos autos se cumpria assim facilmente (MAGALDI, 1972 p. 16).

Entende-se assim que as primeiras representações teatrais feitas no Brasil eram de cunho amador, por serem feitas por padres Jesuítas e não por artistas, e por seu caráter religioso, no qual o principal objetivo era a

catequese. Evidentemente o teatro presente em boa parte de ritos indígenas também foi considerado pelos jesuítas como amador no sentido pejorativo do termo.

Ainda em Magaldi (1972, p. 63) pode-se entender que o primeiro ator brasileiro que aparece na história do teatro no Brasil com o pensamento de “profissionalização” da arte de atuar é João Caetano (1808-1863) que, além de ator, era também chefe de uma companhia teatral. Segundo Magaldi (1972, p. 63) João Caetano proferiu as *Lições Dramáticas* dois anos antes de sua morte. Nessas lições o ator traz o “estudo dos problemas do palco” (MAGALDI, 1972, p. 63), ressaltando a importância da voz, da expressão corporal, das pausas, da respiração, etc, e também em uma *Memória* enviada ao Marquês de Olinda, João Caetano fala sobre a importância de uma escola dramática “para o ensino das pessoas que se dedicam á carreira teatral” (MAGALDI , 1972, p. 66).

Em nenhum momento Magaldi usa os termos profissional ou profissionalização no que se refere às *Lições Dramáticas* de João Caetano, mas ao que parece é uma das primeiras manifestações do teatro profissional brasileiro. Com base na interpretação do que escreve Magaldi em seu livro “Panorama do teatro brasileiro”, podemos considerar que o pensamento de profissionalização na área teatral no Brasil começa a partir da segunda metade do século XIX.

Curiosamente e dando um salto no tempo vamos parar exatamente na década de 1930 quando, segundo o que afirma Guzik (1986, p. 7-8), o movimento de grupos amadores no Brasil começa a demonstrar uma insatisfação com o que é levado ao palco pelos profissionais.

Guzik escreve também que os palcos profissionais da época eram constituídos em companhias estruturadas em torno de um “astro ou uma estrela” (GUZIK, 1986, p. 221), sendo que o restante dos atores ficavam com personagens secundários. A dramaturgia também era fixa, podia ir da comédia ao drama porem a estrutura dos “tipos” nunca mudava “[...] mas lá estão, inarredáveis, o herói, a ingênua, a dama-centro, a dama-galã, a característica, numa enfadonha repetição” (GUZIK, 1986, p. 221). O ponto da companhia era o único que recebia o texto completo, pois aos atores eram dadas somente

suas respectivas falas, seguidas das deixas anterior e posterior a elas. A figura do encenador não era conhecida neste teatro (GUZIK, 1986, P. 221.).

A partir da década de 1940, conforme Guzik (1986, p.7), grupos amadores de São Paulo, como o GTE (Grupo de Teatro Experimental), o GUT (Grupo Universitário de Teatro), o Teatro do Estudante, Os Comediantes, começaram a se organizar e a levar aos palcos repertórios que se opunham ao dos profissionais que eram compostos por peças brasileiras onde o enredo era sempre em torno dos bons sentimentos e nas quais o bem sempre vencia. Esse repertório dos grupos amadores era baseado em textos de autores internacionais, pois procuravam representar peças com maior qualidade artística das que vinham sendo apresentadas nos palcos da época (GUZIK, 1986, p. 7-8). Além da inovação do repertório esses grupos também procuravam trabalhar melhor os textos para uma melhor interpretação dos atores “São os tempos heróicos dos amadores. Luta-se pela certeza de que é possível melhorar o quadro teatral dominante.” GUZIK (1986, p. 9).

Os “amadores do teatro” insatisfeitos com o que vinha sendo proposto pelos “profissionais”, resolvem fazer uma “renovação teatral” GUZIK (1986, p. 8). Este é sem dúvida um fato histórico do teatro brasileiro, pois a partir da reforma teatral da década de 40 e mais tarde com o advento do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), que tratarei a seguir, os palcos teatrais sofreram uma mudança que influenciou os grupos teatrais das gerações seguintes.

Guzik afirma ainda que Franco Zampari um industrial italiano que residia no Brasil há 26 anos, apaixonado pelo teatro, resolve montar um teatro para os grupos amadores de São Paulo, com isso em 1948 surge o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) (GUZIK, 1986, p. 3-12-13). Assim os grupos amadores, tendo agora uma cede própria, se revezavam para apresentaram no palco do TBC (GUZIK, 1986, p. 17-18). A característica amadora deste teatro permaneceu até meados de maio de 1949, onde após verificar que era quase impossível manter um teatro com uma estrutura tão grande quanto aquele, somente com amadores, Zampari propôs a profissionalização do TBC (GUZIK, 1986, p. 26).

Para o TBC deve ter ficado patente, desde logo, a dificuldade de manter um teatro em funcionamento com sua atividade baseada nas realizações de quatro conjuntos de amadores. Afinal, por sua própria

definição, o amador é um interessado, um apaixonado pela arte, mas não faz dela seu meio de vida. Por outro lado a estrutura do teatro se define desde o início como profissional.[...] Contava com “dezoito camarins, duas salas de ensaio, uma sala de leitura, uma sala de carpintaria e marcenaria, uma sala de administração, um almoxarifado de guarda-roupa, um almoxarifado de objetos de cena e um depósito de cenários usados e móveis de cena”, além de equipamentos de luz e som. Toda essa infra-estrutura necessitava de pessoal especializado e remunerado que dela se ocupasse. O TBC vive nesses tempos a contradição de uma empresa que tem na base profissionais remunerados enquanto o produto final fica a cargo de diletantes que nada recebem (GUZIK, 1986 p.20).

Podemos perceber nas palavras de Guzik que o conceito de teatro profissional que se tinha na época não está ligado a qualidade interpretativa dos atores, mas sim a estrutura tanto do teatro, quanto dos técnicos que trabalhavam no mesmo. Tanto é que ao se tornar profissional o TBC não dispensou os grupos amadores para a contratação de profissionais, mas apenas tornou os amadores remunerados e com isso os tornou “profissionais” (GUZIK, 1986, p. 26). Lógico que para o TBC o treinamento dos atores para uma boa qualidade interpretativa era importante e para isso foram contratados encenadores “profissionais” (a maioria vinda de fora do país) (GUZIK, 1986, p. 223).

Se pensarmos no conceito de profissionalização apenas como a remuneração dos atores que trabalhavam no teatro, obviamente a profissionalização do TBC era inevitável já que a pretensão de Zampari era montar em São Paulo uma companhia “dentro dos melhores moldes” (DIONYSOS, n.º 25, p. 161 apud GUZIK, 1986, p. 12), e lógico que para isso seria necessária uma dedicação integral de todos os integrantes do grupo. Por conta disso, todos os artistas e técnicos envolvidos deveriam receber por seu trabalho no TBC, já que não haveria um tempo disponível para se dedicarem a outro trabalho.

O fato é que é de fundamental importância mencionar o Tetro Brasileiro de Comédia quando se está falando de amadorismo e profissionalismo no teatro, pois durante os dezoito anos de seu funcionamento o TBC mostrou uma estrutura diferenciada dos profissionais de sua época (GUZIK, p. 219-220).. A figura do encenador, o teatro de equipe, o ecletismo no repertório, foram algumas das características marcantes deste teatro que foram adotadas por outros grupos de teatro profissionais do país (GUZIK, 1986, p. 220-223).

O curioso no fato da renovação teatral da década de quarenta e do novo conceito de profissionalismo estabelecido pelo TBC, é que os mesmos grupos de amadores que se opunham ao teatro profissional da época e que desejam modificar o teatro nacional, acabam formando o TBC, grupo amador no início, mas que um pouco mais tarde se profissionaliza, e com isso estabelece um novo conceito de teatro profissional (GUZIK, 1986, p.220-221).

3.1 Stanislavski e sua busca pela profissionalização

Stanislavski em “Minha vida na arte” afirma que desde criança a arte sempre esteve presente em sua vida. Seu pai costumava levar toda a família para assistir o circo, o teatro, a ópera. Com isso surge desde cedo a vontade de ser artista e junto com os amigos e irmãos Stanislavski passa a brincar de organizar espetáculos circenses e de teatro de marionetes em sua casa. É neste momento que já se começa a perceber a seriedade com que o diretor russo trata o teatro, pois em um dos trechos de seu livro ele relata que:

Após longas provas, eu e meus companheiros nos convencemos de que não dava mais para continuar trabalhando com amadores (como chamávamos a meu irmão, minha irmã e todos os outros, exceto a nós mesmos) [...] (STANISLAVSKI, 1989. p. 31).

Com esta fala o diretor russo aparenta indicar que para ele amadorismo significa falta de comprometimento com o trabalho, pois mesmo sendo criança Stanislavski tende a levar as brincadeiras a sério quando se trata de representar o circo e o teatro.

Um pouco depois seu pai constrói um pequeno teatro nos arredores de sua residência, onde eram apresentados espetáculos caseiros feitos pelo grupo de amadores, onde os artistas eram a própria família, além de amigos e parentes (Stanislavski 1989.).

O período que descrevo agora se refere ao tempo em que eu me dedicava a espetáculos amadores. É por isso que a construção do novo teatro foi oportuna. A ala foi construída, e resultou em um teatro pequeno autêntico com todas as comodidades, camarins para os artistas, etc. [...] Mas onde arranjar artistas, diretor de cena, etc? Tive de recrutá-los entre os membros da família, parentes, amigos, preceptores e preceptoras (STANISLAVSKI, 1989 p. 58-59).

A partir desse momento Stanislavski irá se mostrar cada vez mais preocupado com sua atuação e com a qualidade técnica dos espetáculos do

Círculo Aleksîiev³. Nesta fase amadora o diretor russo irá procurar o conhecimento artístico em várias partes, chegando a entrar para a Escola de Teatro em busca de uma atuação mais profissional, mas a abandona após três semanas. (Stanislavski, 1989, p. 108).

O diretor e ator russo durante a época do Círculo Aleksîiev passou pelas mesmas dificuldades que muitos atores e grupos de teatro também passam: a falta de recursos para a montagem das peças e a rotina exaustiva de conciliar o trabalho de dia e os ensaios a noite, assim ele mesmo afirma:

É fácil imaginar quanta trabalheira nos custou organizar tamanha festa para uma só vez, sem repetição, por não dispormos de público suficiente. Por falta de recursos, nós mesmos fazíamos grande parte dos trabalhos de iluminação e decoração de jardim. [...] Muitos, inclusive eu e meu irmão mais velho, tinham de ir quase diariamente à aldeia aí pelas sete da noite, depois do escritório, após o jantar, aí pelas nove, ensaiar até as duas-três da manhã, para no dia seguinte levantar-se às seis e partir para Moscou e mais uma vez retornarmos para os ensaios noturnos (STANISLAVSKI, 1989 p. 113).

Além disso Stanislavski faz novamente referência a idéia de amador que temos hoje, que é justamente o fato de não ser remunerado. Em um momento de seu livro ele fala sobre o grande êxito que teve um de seus espetáculos, tendo superlotado o teatro várias vezes, porém o ingresso não era cobrado: “O espetáculo teve um sucesso estrondoso e repetiu-se muitas vezes, com sala superlotada, evidentemente de graça” (STANISLAVSKI, 1989 p. 116). É o que nos diz Stanislavski a respeito de um espetáculo feito pelo círculo familiar de Aleksîiev. Na época em que o diretor russo fazia parte do grupo amador familiar, tendo que se dividir entre o escritório e os ensaios, a pesar de se dedicar as montagens e procurar sempre fazer espetáculos de qualidade, não era cobrado o ingresso do público para assistirem as encenações do grupo, mesmo que muitas vezes tivessem gastos para montá-los (STANISLAVSKI, 1989). Parece que sempre que se fala em teatro amador a primeira idéia que se tem a respeito é o fato de seus integrantes não serem remunerados.

Stanislavski se refere inúmeras vezes em seu livro “Minha vida na arte” ao teatro amador e ao ator amador como aqueles desprovidos de técnica e de talento, chegando a chamar os atores profissionais de “atores de verdade”: “Acontece que os atores de verdade tinham experiência e técnica trabalhada

³ Nome dado a companhia teatral composta pela família, parentes e amigos de Stanislavski.

para semelhante ofício, ao passo que os nossos não tinham.” (STANISLAVSKI, 1989 p. 180), diz o diretor russo a respeito de seu grupo de amadores.

Em outra parte do texto Stanislavski deixa claro a visão que tem sobre o que denomina de ator amador:

[...] A exceção de algumas pessoas como o talentoso V. V. Lujski e G. S. Burdjalov, que se tornariam atores famosos no Teatro de Arte de Moscou, dos talentosos A. A. Sânin e N. A. Popov, que se tornariam bons diretores de cena, e mais algum, as outras forças amadores de que eu dispunha precisavam elas mesmas desse despotismo direcional. Quem carece de talento precisa ser adestrado, vestido segundo o gosto do diretor de cena e forçado a atuar conforme a vontade deste.[...] Por exemplo, no segundo ato de Uriel Acosta, durante as festas nos jardins de Manassé, era preciso esconder dois amadores sem talento [...] (STANISLAVSKI, 1989 p. 197).

A citação sugere que para Stanislavski o ator amador não domina o palco e tão pouco a arte da interpretação, precisando ser direcionado a todo o momento. Sendo assim o ator profissional, o qual é chamado pelo diretor de “ator de verdade” é aquele que possui o “talento” artístico e a técnica de atuação. Esta idéia de profissional como bom e amador como ruim novamente aparece, desta vez na visão de Stanislavski, um dos grandes nomes do teatro universal, fazendo com que esse pensamento se cristalice ainda mais.

Em outro momento o diretor russo vai falar sobre o teatro amador como algo desorganizado:

O atraso aos ensaios, o desconhecimento do papel, as conversas durante o trabalho sem relação com ele e a saída da sala de ensaios sem permissão eram objetos de minha punição obstinada, porque eu sabia que a desordem no teatro pode chegar àquele desconhecimento que me fez abandonar os espetáculos amadores (STANISLAVSKI, 1989 p. 185).

Percebe-se que em muitos momentos de seu livro “Minha vida na arte” Stanislavski fala do ator e do teatro amador de uma maneira bastante negativa e inferior ao teatro profissional. Entretanto existe uma contradição, pois ao descrever como eram montadas as peças de seu grupo amador, o Círculo Aleksieiev, o diretor relata a dedicação e o cuidado com que os espetáculos eram preparados e o grande êxito que obtinham com alguns deles. Além do mais, apesar de defender o talento como algo nato, em uma parte do mesmo livro fala que “além de talento é preciso habilidade” (STANISLAVSKI, 1989 p. 100).

Tanto é preciso habilidade que Stanislavski em seus livros “A preparação do ator”, “A construção da personagem” e a “Criação de um papel”,

fala sobre o trabalho do ator e das técnicas de interpretação, descrevendo exercícios que auxiliam o ator a desenvolver a organicidade em cena. Com isso podemos concluir que na concepção de Stanislavski para o ator tornar-se profissional, precisa fazer um treinamento diário e ter domínio da técnica.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS ESTUDANTES DE TEATRO E ARTISTAS DA CIDADE

Conforme o SATED/RS na cidade de Pelotas só existem dois grupos registrados como profissionais, são eles o Teatro do Bebê e o Grupo Tholl-Trupe Circense. Vejamos, o primeiro nome citado é de um grupo de teatro de lona, que mesmo sendo da cidade não está fixado nela, pois sua forma de trabalho é de circulação por várias cidades e faz apresentações anuais em Pelotas. O segundo é o Grupo Tholl que é um grupo de circo e teatro e também faz apresentações anuais em Pelotas, apesar deste possuir sede na cidade.

Existem vários grupos de teatro amador na cidade, alguns que já tem uma longa jornada de trabalho, entre eles estão o TEP (Teatro Escola de Pelotas), O Grupo Cem Caras, e alguns que se formaram recentemente, como por exemplo o Grupo Entremez, o Cooperativa de Teatro Casa de Brinquedos, etc, outros que se formaram em função do curso de Teatro-Licenciatura UFPel, criado em 2008. Sendo assim o teatro predominante na cidade é o dito amador

Com base nisto a pesquisa foi feita com alguns alunos do curso de Teatro e com artistas reconhecidos da cidade de Pelotas. A pesquisa teve como questionamento as seguintes perguntas: “O que é teatro amador?”, “O que é teatro profissional?”.

A seguir estão primeiramente as análises das entrevistas feitas com os estudantes, que serviram para a estruturação das entrevistas com os diretores teatrais. Logo em seguida as análises das respostas diretores teatrais de Pelotas que foram escolhidos por trabalharem de maneira ininterrupta no mínimo desde a década de 1980.

4.1O que pensam os estudantes de teatro?

Para saber mais a respeito do que esses estudantes de teatro, muitos deles atores de grupos amadores formados na cidade, pensam sobre este tema foram feitas entrevistas com alunos do 2º semestre (os calouros) e 8º semestre (os formandos). No total foram entrevistados 25 alunos, sendo 8 do 8º semestre e 17 do 2º semestre.

As respostas dos alunos de teatro no geral tiveram muitos pontos concordantes, não só entre eles, mas também com o conceito de amador que vem se cristalizando com o passar do tempo.

Algumas respostas trouxeram como ponto fundamental do amador a questão da remuneração: “Entendo como algo montado para uma paixão interior, e não movida por um desejo de ser reconhecido enquanto profissional, especialista. Não existe a intenção de ganhar dinheiro com isso.” (Aluna 5, 27 anos 2º semestre), “Teatro amador é feito por paixão, por quem não o faz a fim de retorno financeiro.” (Aluna 11, 19 anos 2º semestre). Esses são alguns exemplos de respostas que trazem a questão financeira como ponto principal da realização de teatro amador.

As entrevistas apontam para uma distinção entre amador e profissional em que o ponto de corte é a remuneração pelo trabalho. De acordo com a legislação quem trabalha deve ser remunerado. Sendo assim ser profissional significa poder sobreviver através do ofício que exerce. Talvez o fato de o amador não ser remunerado está ligado a que o dinheiro é fruto do exercício da profissão. O ato de cobrar alteraria o status de amador para o de profissional.

Outra característica que aparece com frequência nas respostas dadas pelos alunos diz respeito à falta de técnica no teatro amador.

Teatro amador é aquele realizado de forma simples, mas em sua maioria com boa vontade e muito amor pelo mesmo. Considero como o teatro em sua essência, muitas vezes realizados com pouca técnica, figurinos e outros, mas conseguindo provocar e agradar o público (Aluno 18, 25 anos 8º semestre).

“Um teatro mais livre, mais improvisado, sem teorias e sem técnicas” (Aluna 19, 19 anos 2º semestre).

É feito sem muita técnica nem muito esmero. Em outras palavras, quando a pessoa ou o artista não é muito sabido nos conceitos que envolve a arte (Aluno 23, 22 anos 2º semestre).

Além destas respostas houve outras que também se referiam ao teatro amador como um teatro sem técnica. Stanislavski em “Minha vida na arte” também fala inúmeras vezes sobre a falta de técnica de atores amadores, no entanto ao relatar fatos sobre a sua fase em um grupo amador fala sobre sua busca por uma melhor qualidade técnica, sobre os estudos da linguagem teatral.

O verão estava quente, e eu resolvera deixar o ar do campo, a natureza no verão e o conforto da vida em família. Fazia todos esses

sacrifícios para dedicar-me aos estudos na casa vazia da cidade, onde eu podia trabalhar bem a gesticulação e a plasticidade diante do imenso espelho da sala grande de visitas, com boa ressonância da voz nas paredes e escada de mármore. Durante todo o verão trabalhei sem parar das sete da noite, depois do escritório, até às quatro da manhã, montando o meu programa (STANISLAVSKI, 1989 p. 115).

Agora eu me pergunto será que chegamos ao ponto crucial da diferença entre o teatro amador e o teatro profissional? Seria a falta de técnica a principal diferença entre esses dois teatros? Vendo por esse lado, o círculo familiar Aleksîiev não seria um grupo amador, já que possuía um diretor/ator que estava constantemente preocupado com a técnica teatral. Por outro lado, se formos pensar somente na questão financeira seria, já que o grupo não recebia nenhum retorno em dinheiro. Mas vejamos outros aspectos do teatro amador relatado pelos alunos.

O teatro como Hobby, para preencher o tempo livre geralmente, foi mais uma das características teatral amadora apontada pelos estudantes de teatro.

Teatro amador é aquele feito por sujeitos geralmente iniciantes nesta arte e com vínculo mais esporádico. Geralmente encontram-se uma ou duas vezes por semana.

A principal diferença é o engajamento e a possibilidade de trabalhar e viver do ofício, o qual encontramos no teatro profissional (Aluno 1, 25 anos 8º semestre).

O teatro amador é aquele feito “aos finais de semana”. É dizer que esse teatro é colocado em segundo plano para a pessoa que o faz. Têm relação com a forma com que o ator se relaciona com a sua função (Aluna 17, 22 anos 8º semestre).

[...] Basicamente levam como uma atividade extra, não levando tanto como profissão (Aluna 24, 21 anos 2º semestre).

Percebe-se nessas falas que o conceito de teatro amador é definido como aquele feito sem seriedade pelos artistas envolvidos, nos tempos livres, nos finais de semana. Bom, se levarmos em consideração que os artistas que o fazem não obtêm retorno financeiro é evidente que teriam que se dedicar a outro meio de sobrevivência, um trabalho que ocuparia boa parte de seu tempo, restando assim somente os tempos livres dedicados ao lazer, para a prática do teatro. Entretanto isso não prova que esses artistas não se dediquem ao teatro ou não o levem com seriedade.

Outros aspectos que apareceram nas respostas de alguns estudantes foram quanto à parte dos registros, regulamentações e direitos trabalhistas.

São abordados assuntos como: atores que não possuem o registro na Delegacia Regional do Trabalho, grupos que não possuem pessoa jurídica responsável, artistas sem contratos e sem direitos trabalhistas e a falta de um projeto político-pedagógico do grupo. Outros alunos ainda citaram o uso de espaços alternativos para as apresentações e ensaios dos grupos amadores.

O amor e a paixão dos artistas que fazem parte do teatro amador foi ponto quase unânime nas respostas dadas pelos estudantes do curso de teatro. Em muitas respostas pude notar que existia uma vontade de defender este teatro, de dizer que apesar do pouco recurso e da pouca técnica, isso não significava que fosse ruim, pelo contrário, por ser feito pela paixão e não pelo dinheiro, em alguns casos fosse até melhor que o profissional.

É quando o ator faz por prazer, amor, diversão. Mas isso não quer dizer que seja sem seriedade, vontade, entrega (Aluna 6, 18 anos 2º semestre).

“Amador é quem ama o que faz” (Aluna 10, 19 anos 2º semestre).

Teatro amador é aquele realizado por grupos que se preocupam com a arte em si, sem visar lucros, mas feito com muita boa vontade, alcançando bons resultados, muitas vezes até melhor que teatro profissional (Aluno 20, 25 anos 2º semestre).

No que se refere ao teatro profissional as respostas dos estudantes não se diferenciam muito dos pontos abordados no teatro amador. Em primeiro lugar volta à questão financeira como ponto determinante para se fazer teatro profissional.

[...] Acredito que os grupos ditos profissionais tem como característica principal o caráter dos integrantes assalariados e sobreviverem desta profissão” (Aluno 2, 22 anos 8º semestre).

Os alunos relacionam o ser profissional com o ser pago pelo trabalho que o artista desempenha e em algumas respostas nota-se que para alguns o fato do teatro profissional ser feito por dinheiro exclui o fato dele ser feito com amor e paixão pela arte como foi o caso destes alunos que ao serem perguntados “O que é teatro amador?” deram as seguintes respostas: “O feito por amor” (Aluno 9, 23 anos 2º semestre), “Amador é quem ama o que faz” (Aluna 10, 19 anos 2º semestre) e a pergunta “O que é teatro profissional?” responderam desta forma: “O feito por dinheiro.” (Aluno 9, 23 anos 2º semestre), “O teatro profissional é por dinheiro.” (Aluno 10, 19 anos, 2º

semestre). Reforçando essa idéia vamos prestar a atenção na seguinte fala De Stanislavski:

O trabalho que eu então assumia era imenso e acima das minhas possibilidades. Depois de realizar o ensaio eu devia deitar-me, o coração começava a palpitar e vinha uma asfixia semelhante a asma. O espetáculo se tornava um tormento, mas eu não podia suprimi-lo uma vez que os gastos com a montagem haviam crescido em grande proporções e reclamavam insistentemente cobertura, pois do contrário teríamos de liquidar todo o assunto, e não havia mais de onde tirar dinheiro (STANISLAVSKI, 1989 p. 224).

O trabalho ao qual Stanislavski se refere foi à montagem da peça *Otelo* de Shakespeare, na qual dirigia e interpretava o papel de Otelo, assim como ele mesmo relata em seu livro “Minha vida na arte”. Conta também que a montagem deste espetáculo estava presente em sua vontade há algum tempo até que ele resolve saciar este desejo e montar a peça. Com o tempo ele percebe que não estava dando conta da montagem, desta tragédia Shakespeariana, porem não pode desistir de montá-la, pois deveria cobrir os custos que teve com ela. Assim o trabalho passa da motivação do prazer e da paixão teatral para a motivação financeira.

A técnica e a teoria teatral devem estar presentes no teatro profissional segundo as respostas dadas pelos estudantes. Para eles este tipo de teatro requer mais estudo, pesquisa e planejamento:

O teatro feito como profissão, aqueles que colocam técnica, cuidado e muito esforço para ocorrer (não que o amador não possa ter). Considero como o teatro feito de criação e experimentação por intermédio de técnica (Aluno 18, 25 anos, 8º semestre).

É o teatro que se utiliza da teoria, baseando-se em autores de grandes nomes como Plauto, Aristófanes, Boal entre outros. Que não trabalham somente com a representação, mas com a voz, o corpo, a consciência de platéia e ator; tipos de teatro; tipos de informações (Aluna 24, 21 anos, 2º semestre).

Esta separação entre amador sem técnica e profissional com técnica fica evidente na opinião dos alunos do curso de teatro, pois grande parte deles cita a mesma característica em suas respostas. Para outros alunos a característica marcante deste tipo de teatro está na legalização do mesmo e de seus integrantes.

O teatro vinculado a profissionalização do grupo. Grupo de teatro que têm em sua rotina ou em suas características de trabalho: projeto político-pedagógico, prática de treinamento, CNPJ, papéis e funções no grupo bem definidos, vínculo entre o produto (apresentação, aula, oficinas, etc) com renda (Aluno 2, 22 anos 8º semestre).

É aquele composto por profissionais devidamente formados na área, que constituem um grupo legalizado (dentro das normas legais) (Aluna 15, 22 anos, 8º semestre).

Nos dias de hoje a maneira mais comum do grupo ou dos artistas de teatro serem considerados legalmente profissionais e disporem de todos os direitos trabalhistas é através do registro na Delegacia Regional do Trabalho. Para obter tal registro o artista precisa ser formado na área na qual deseja ser registrado levando seu diploma para a confirmação de sua formação. Outra possibilidade seria através do certificado emitido pelo SATED Para a obtenção deste certificado são pedidos os seguintes requisitos:

- (1) Cópia da Carteira de trabalho frente (lado da foto) e verso - autenticada
- (1) Cópias da carteira de identidade (frente e verso)
- (2) Cópias do CPF (frente e verso) – é válido o número do CPF na carteira de identidade autenticada.
- (1) Cópia do Comprovante de Residência no nome do requerente. Caso contrário anexar uma declaração do titular do comprovante afirmando que o requerente reside neste endereço
- Currículo Vitae da função Solicitada
- Cópia autenticada de cada comprovante de trabalho. Folders, programações, recortes de jornais, declarações pessoais com assinaturas autenticadas, declarações empresárias com assinaturas autenticadas e carimbo de CNPJ
- 1 foto 3x4 –
- Contribuição sindical R\$ 26,66 – pago na Caixa Econômica Federal ou em Lotéricas
- Requerimento de Registro Profissional
- Vias do Requerimento DRT
- Avaliação dos documentos - R\$ 15 (quinze reais) (site SATED/RS)

Ao levar todos os dados pedidos acima será feita uma carteira profissional e o artista se tornará sindicalizado. Através desta carteira será possível a obtenção do Registro na Delegacia do Trabalho.

Porém o foco desta pesquisa não é saber somente sobre o profissional e o amador em questões legais. A procura é pela diferenciação do conceito do ser “amador” e do ser “profissional” no campo teatral.

Voltando a pesquisa com os estudantes de teatro, alguns alunos responderam, ainda com referência ao teatro profissional, sobre uma melhor estrutura e organização do grupo com funções artísticas bem definidas, além de espetáculos mais complexos e elaborados. É citado ainda a jornada de trabalho diária, diferente do amador que segundo os estudantes se reúnem apenas nos tempos livres ou finais de semana.

Diferente do teatro amador, o teatro profissional, para esses alunos, não tem como foco principal o amor e a paixão pela arte. Prova disto é que enquanto na pergunta referente ao amador, foi citada praticamente em todas as respostas a paixão que os artistas que fazem parte deste teatro possui pelo mesmo, no profissional apenas três alunos mencionaram o amor e a paixão pela arte, ainda assim de maneira secundária.

Envolve a busca de reconhecer-se como profissão, de modo oficial, englobando os direitos trabalhistas de todos os profissionais. Porém também acredito que envolva uma paixão interior, só que com uma busca também por direitos trabalhistas (Aluna 5, 27 anos, 2º semestre).

“Teatro profissional une “útil ao agradável”, quando consegue-se trabalhar com sua paixão” (Aluna 11, 19 anos, 2º semestre).

“Quando tem uma técnica, um amor pelo que se faz.” (Aluna 12, 19 anos, 2º semestre).

Para finalizar esta parte deixo um quadro comparativo entre o teatro amador e o teatro profissional, criado a partir das entrevistas com os estudantes e que serviu de parâmetro para entrevistar os diretores teatrais.

Teatro Amador	Teatro Profissional
Ensaia aos finais de semana ou nos tempos livres.	Ensaia todos os dias de 4h á 8h diárias
Os artistas envolvidos não tiram seu sustento do teatro.	Os artistas envolvidos tiram seu sustento do teatro.
Nem sempre possui funções definidas como figurinista, iluminador, maquiador,...	Geralmente possui funções definidas.
Na maior parte das vezes os artistas que trabalham neste teatro não são formados na área teatral.	Na maior parte das vezes os artistas que trabalham neste teatro têm formação na área em que atua.
Nem sempre há Projeto Político-Pedagógico.	Normalmente há Projeto Político-Pedagógico.
Não visa o lucro.	Visa o lucro
Artistas nem sempre com experiência na área.	Artistas com grande experiência na área.
Feito sem contratos e sem direitos dos trabalhadores.	Os artistas possuem contrato de trabalho e os direitos trabalhistas.
Artistas não licenciados pela Delegacia Regional do Trabalho.	Artistas licenciados pela Delegacia Regional do Trabalho.
Geralmente não realiza pesquisas na área teatral.	Geralmente realiza pesquisas na área teatral.
Feito sem muita verba, com pouca produção.	Possui maior verba, produções mais elaboradas.

Grupo sem pessoa jurídica.	Grupo com pessoa jurídica e CNPJ.
Usa lugares alternativos para os ensaios, não possuindo sede própria do grupo.	Possui uma sede própria para os ensaios.
Realizado com pouca técnica e teoria.	Tem uma preocupação com a teoria e a técnica teatral.
Feito como atividade extra, como hobby.	Feito com seriedade, levado como profissão.

4.2 O que pensam os diretores teatrais da cidade?

Com base nas respostas dadas pelos estudantes do curso de Teatro – Licenciatura, organizei um roteiro e entrevistei três diretores teatrais da cidade que estão em atividade, no mínimo, desde a década de 1980. A entrevista foi semi-estruturada, de modo que a partir do relato dos diretores sobre o tema, foi se fazendo relações com as respostas dadas pelos estudantes.

O primeiro diretor teatral a ser entrevistado foi Flávio Dornelles. Flávio Dornelles começou a fazer teatro em Pelotas no ano de 1982, no grupo teatral da Escola Técnica (hoje IFSUL) dirigido por Valter Sobreiro Jr. Dornelles ainda faz parte do mesmo grupo, hoje com o nome de Cem Caras, mas agora como diretor. Flávio Dornelles se formou em 2012 em Teatro – Licenciatura UFPel. (Informação fornecida por Flávio Dornelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

Ao ser questionado se o teatro que fazia antes, no início da carreira, seria amador e o que faz hoje seria profissional, o diretor deu a seguinte resposta:

O teatro para mim é amador no sentido de amar. Eu to nessa vida de teatro porque eu amo, se não, não estaria. Tem que amar, tem que gostar do que faz. (Flávio Dornelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

O que aparece nesta resposta dada pelo diretor é um dos pontos mais comentados pelos estudantes quando se referem ao teatro amador. Para a maioria dos alunos de teatro amador é quem ama e é apaixonado pelo teatro, quem faz por amor a arte. Já no que se refere ao teatro profissional os alunos tem como idéia principal a remuneração dos artistas envolvidos. Pensando

nisto fiz a seguinte pergunta a Flávio Dornelles: “Tu acha que o teatro amador ele pode ser feito por dinheiro também ou ele é feito só por paixão e amor ao teatro?”. A resposta foi à seguinte:

Eu acho que o dinheiro tem que estar presente, tem que ajudar, tem que dar esse reforço, tem que dar essa base, tem que dar a estrutura. Para montar uma estrutura hoje não se faz nada sem “grana”, por isso eu vejo muitos poucos projetos em relação a esse segmento. Eu acho que amar, seja profissional ou amador, tem que ta ali porque gosta, gosta de fazer, tem maior prazer, é vocação às vezes ou talento, ou vou ver como é que é, descobri e gostei, é o que eu quero. Às vezes não é o que eu quero, beijo adeus vou partir. Mas enfim eu acho que o dinheiro dá subsídios, ele garante que tu possa ter hoje um figurino legal para o teu trabalho, uma cenografia razoável que informe o que tu ta propondo, enfim e hoje ta tudo tão caro né (Flávio Dornelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

Dornelles deixa claro nesta resposta que apesar de fazer teatro por paixão à arte, o dinheiro é elemento fundamental, mesmo que seja para gastos com o próprio espetáculo, sem obtenção de lucro para a remuneração dos artistas envolvidos.

Partindo para outro fator importante no que diz respeito à diferenciação entre teatro amador e teatro profissional: a qualidade do trabalho. Como foi visto nas respostas dos estudantes, a maioria pensa que o teatro profissional tem uma maior qualidade técnica e mais aprofundamento teórico em relação ao amador, produzindo assim espetáculos melhores e mais elaborados. Questionei Flávio Dornelles sobre a qualidade dos espetáculos amadores e profissionais.

Eu participei de muitos festivais, de muito teatro na minha vida e te digo, tem muito trabalho profissional que é uma merda. Vou dizer até dos grandes textos que tiveram aqui, porque os grandes textos vem aqui, saem do Rio e de São Paulo, acham que as pessoas do interior não consomem nada de arte, e aí traz qualquer produto. Veio muita porcaria a Pelotas, muita porcaria. E em relação a muitos grupos, por exemplo, no Paraná há muito tempo atrás, tinham uma tradição de ter grupos de teatro, ainda tem, Minas Gerais também, São Paulo, grupos de teatro amadores sensacionais. Eu cito aqui o “PROTEU” que é da Universidade Estadual de Londrina que tinha espetáculos que viajava pelo mundo todo, participou da semana de teatro de Nova Iorque, premiadíssimo, e era um grupo da universidade [...]. Então é muito relativo. Teatro profissional eu vejo mais pelo lado da profissão, ter um bom patrocínio,... mas profissional tem que ter o produto, o produto tem que ser bom, seja teatro amador ou teatro profissional, isso aí não importa (Flávio Dornelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013)..

Na opinião de Dornelles a qualidade dos espetáculos não está ligada ao amador ou ao profissional, como ele mesmo afirma na entrevista “É rótulo, é rótulo...”. Quando ele diz já ter visto espetáculos amadores muito bons e profissionais ruins e vice-versa, isso mostra que a ideia de o teatro amador ser inferior ao profissional quanto à qualidade dos espetáculos, está muito mitificada, ou seja, foi sendo cristalizada ao longo dos anos. Por outro lado o grupo PROTEU se profissionalizou a bastante tempo quando seus artistas foram contratados pela própria Universidade do Estado de Londrina, alterando o seu nome para Núcleo 1. E apesar de se denominar amador o PROTEU possuía uma estrutura profissional, pois eram contratados profissionais de várias partes do mundo para trabalharem em seus espetáculos.

Outro fato muito comentado nas respostas dos estudantes é que o teatro amador tem um vínculo esporádico, aquele feito nos tempos livres, finais de semana, enquanto o profissional tem carga horária de 4 a 8 horas por dia durante toda a semana. Sobre este tema o Flávio Dornelles fala um pouco da rotina dos Cem Caras, grupo do IFSUL, do qual ele é diretor.

É o caso aqui na escola, no IFSUL que eu trabalho desde aquela época, é um grupo extraclasse. Então os alunos vem ao final de semana para aprender teatro, viver teatro, mas sem aquela responsabilidade de “nós temos que seguir a carreira teatral”. Então é um grupo extraclasse, eis a grande dificuldade as vezes de se manter um repertório, porque aqui é semestral. Os alunos se formam no fim do ano e já vão embora (Flávio Dornelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

Esta declaração do diretor tende a reforçar a opinião dos alunos de teatro, que afirmam que os artistas que fazem parte do teatro amador possuem um vínculo esporádico e também que levam esta atividade como um hobby. Porém deve ser levado em consideração que este é um grupo amador escolar e que estes grupos geralmente tem esse objetivo de ser uma atividade extra, uma formação complementar, um momento de descontração. É interessante dizer que apesar de o Cem Caras ser um grupo amador, possui características profissionais como uma sede própria, recursos federais, um diretor formado na área teatral, porém o elenco é composto por amadores, por alunos da escola. No entanto, como o próprio diretor afirma, muitos alunos que participaram do grupo Cem Caras resolveram se profissionalizar e acabaram entrando para a faculdade de Teatro – Licenciatura.

Então esse curso foi muito bem vindo, eu fico festejando quando um aluno meu vai fazer o curso. Tem uma penca de gente que começou a fazer teatro comigo que já fez o curso, já se formou e que tá entrando, fazendo. Isso cara, é impagável para mim (Flávio Dornelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

Para finalizar a entrevista o diretor teatral deixa a seguinte frase que resume sua opinião sobre o tema amador e profissional no teatro: “Eu sou amador, amo o teatro. Não quer dizer que eu não faça um trabalho legal, enfim eu não estou nenhum pouco preocupado com o rótulo. Sei que eles existem, tão aí, mas quem ama, AMA!” O que Flávio Dornelles quis dizer é que para ele a denominação amador tem o sentido de amar, ele é amador porque ama fazer teatro (apesar de receber pelo trabalho realizado no grupo Cem Caras), isso não exclui a qualidade técnica de seus espetáculos, pois para ele ser amador não significa que a qualidade técnica e artística não possa ser profissional, como ele diz são apenas rótulos.

O segundo diretor teatral a ser entrevistado foi Chico Meirelles. Meirelles começou a fazer teatro na cidade no ano de 1984, no grupo da Escola Técnica, mesmo grupo em que começou Flávio Dornelles, onde permaneceu até 1986, participando depois de outros grupos amadores da cidade e de fora também. Atualmente o diretor tem registro profissional e é sindicalizado. É diretor em dois grupos teatrais amadores, no Cooperativa de Teatro Casa de Brinquedos e em um grupo na escola Cassiano do Nascimento. Os dois grupos estão vinculados a escolas públicas, sendo que o Cooperativa de Teatro está vinculado a escola Dom Joaquim (Informação fornecida por Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

Chico Meirelles deixa clara sua opinião sobre a questão da técnica teatral quando questionado sobre a inferioridade do amador em relação ao profissional:

Não, não de jeito nenhum. Alguns dos maiores festivais nacionais são de teatro amador. O festival no Rio de Janeiro, festival de Ponta Grossa no Paraná, festival de Florianópolis da Udesc são todos festivais com grupos amadores e a qualidade é de ponta (Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

A opinião de Chico Meirelles, assim como a de Flávio Dornelles, é de que o teatro amador possui sim muita qualidade técnica. Apesar de que boa

parte dos festivais que ele cita não são mais amadores. No entanto logo em seguida o diretor dá a seguinte declaração:

Por outro lado eu não sei se não é um equívoco de conceito. Não existe mais teatro amador, não existe mais. Teatro amador acabou nos anos noventa, oitenta. O que existe hoje é teatro infantil da educação, teatro na educação né, que todo mundo tem, tudo que é escola tem teatro, todas tem. É o caminho para o teatro profissional, para as pessoas que vão estudar teatro.[...] Teatro amador foi um teatro bom no século XX, ele teve a maior importância nos movimentos políticos brasileiros e na educação, mas o teatro amador não existe mais, é uma coisa pré-histórica. É assim que eu vejo (Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

O teatro amador dos anos 1970, teatro do estudante e teatro universitário, tinha uma forte vertente política, era muito engajado com movimentos sócias. Já no teatro escolar e comunitário realizado hoje não vemos mais essa preocupação.

Chico Meirelles enxerga no teatro escolar uma porta de entrada para o teatro profissional. Na opinião dele quando a criança ou adolescente tendo outras opções de atividades extraclasse quando escolhe fazer teatro é porque já pensa em se tornar um profissional na área:

Então as pessoas saem desse teatro na escola, da ação cênica na escola e vão procurar uma profissão [...] O cara que faz teatro hoje, pode ter dez anos, ele já tem uma visão lá na frente. Ou ele quer fazer novela, ou ele quer ser modelo, ou ele quer fazer fotografia, não é por acaso (Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

O diretor fala ainda sobre um ponto que apareceu tanto nas respostas dos estudantes, quanto na entrevista com Flávio Dornelles, a questão do teatro amador como atividade extra, como um hobby. Porém sua opinião sobre o assunto é diferente da dos demais.

Com o advento da internet, do facebook ninguém mais tá fazendo teatro por amadorismo, por prazer ou por hobby. Porque, por exemplo, o teatro amador tava muito ligado ao hobby; a pessoa faz teatro porque é um hobby. Não existe mais.[...] As pessoas que se interessam por teatro, elas sempre pensam lá na frente, hoje em dia é essa... em função do imediatismo das coisas, porque ninguém tá aí para brincadeira, não tão aí pra hobby na arte. (Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

Para Meirelles o mundo de hoje, capitalista e imediatista, faz com que as pessoas se preocupem em desempenhar atividades que possam garantir um futuro, não tendo tempo para atividades feitas somente pelo prazer do

momento. Sendo assim, para ele, as pessoas que hoje não são profissionais e fazem teatro já tem o intuito de se profissionalizar no futuro.

Quanto ao teatro amador ser feito por amor e o profissional por dinheiro o diretor continua defendendo seu ponto de vista:

Não existe isso, não existe. Teatro amador, primeiro que teatro amador não existe. Essa visão de que se faz as coisas por amor não existe, porque hoje em dia não se consegue fazer nada sem dinheiro, tu não consegue nem andar de um ponto da cidade até outro ponto da cidade sem gastar. Tu não consegue andar e te deslocar. Por exemplo, quatro horas de ensaio por semana ou seis horas de ensaio por semana sem comer. Tudo isso demanda investimento, investimento da família ou investimento da própria pessoa. Então não há lugar mais para esse teatro amador porque hoje a questão da movimentação social da humanidade se dá em cima da organização do lucro família (Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

A opinião de Chico Meirelles é muito precisa. Para ele hoje em dia não existem mais grupos amadores de teatro, o que existe como ele afirma são “[...] grupos profissionais pobres, não amadores, pobres. Pobres por falta de gestão pública na nossa área, na cultura, nós não temos gestão pública” (Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

Em sua opinião teatro amador era aquele feito há décadas atrás, nos anos de 1970, quando os jovens hips se reuniam em festas ou acampamentos e aí improvisavam cenas teatrais, surgindo assim um teatro espontâneo (Informação fornecida por Chico Meirelles em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em Dezembro de 2013).

O terceiro e último diretor entrevistado foi Valter Sobreiro Jr. Foi com ele que os dois primeiros diretores entrevistados começaram a fazer teatro na cidade. Valter Sobreiro começou a fazer teatro no ano de 1961 no Teatro Universitário de Pelotas. Durante trinta e dois anos esteve à frente do Teatro Escola de Pelotas, além de ter sido diretor do grupo da Escola Técnica. Em 2011 Valter Sobreiro fundou seu próprio grupo teatral o “Entremez”, que é um grupo profissional, apesar de ainda não constar no site do SATED/RS (Informação fornecida por Valter Sobreiro em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em janeiro de 2014).

Para Sobreiro o teatro amador e o teatro profissional tiveram diferentes importâncias em cada época. O diretor relata que entre as décadas de 1960 e 1970 existiam no Brasil festivais de grupos amadores de teatro estudantil e universitário. O diretor conta ainda que nessa época o teatro universitário tinha um prestígio muito grande e era teatro amador, tanto que o TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) ganhou o prêmio de melhor espetáculo no festival de Nancy na França (Informação fornecida por Valter Sobreiro em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em janeiro de 2014). Já nos anos de 1980 Valter relata que existia um movimento amador muito forte no Brasil:

Bom nos anos 80 havia no Brasil em geral um movimento muito forte amador e havia uma confederação nacional de teatro amador que chamava Confenata. Bem, a Confenata realizada também reuniões para tratar políticas, para tratar também estratégias de melhorar a qualidade do teatro que se fazia em nível amador em todo o Brasil e era muito respeitado, o teatro amador era muito respeitado, mas havia uma ilha de desrespeito, essa ilha era o Rio Grande do Sul (Valter Sobreiro em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em janeiro de 2014)

O diretor conta que nesta época o teatro amador não era respeitado no Rio Grande do Sul e que por conta disso seu grupo teve sérios problemas para realizar apresentações dentro do estado.

No RS teatro amador era sinônimo de teatro não profissional. A gente sentiu isso na pele porque quando Maragato que era um espetáculo que já tinha sido apresentado no Rio, em São Paulo, ele já tinha sido acolhido nos melhores prêmios fora do RS e não tinha sido visto em Porto Alegre porque o sindicato não permitia que um grupo amador concorresse nos festivais. [...] foi uma briga terrível, por causa disso, porque no RS amador sempre foi considerado inferior.

Para poder realizar a turnê com o espetáculo Maragato pelo interior do RS, a solução foi à profissionalização:

Então nós resolvemos nos profissionalizar pra poder atuar no RS. Então aí todo mundo se profissionalizou, porque era fácil como é até hoje, tu tendo já um tempo de trabalho, te apresentou tantas vezes e comprova que te apresentou... Naquela época tu comprovava que tinha participado de três espetáculos, tu te profissionalizava, então nós nos profissionalizamos. Foi aí que nós fizemos a circulação do interior do RS. A gente se apresentou em Porto Alegre, foi aí que a gente foi se apresentar no São Pedro, aí que a gente circulou por vinte e uma cidades do RS com o espetáculo (Valter Sobreiro em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em janeiro de 2014)

Bom, seguindo pela perspectiva histórica feita por Valter Sobreiro chegamos aos anos de 1990. Sobreiro fala que nesta época o governo Collor colocou o teatro como um dos departamentos da FUNARTE, enfraquecendo

assim a Confenata e neste momento as confederações estaduais de teatro amador começaram a se desfazer. Então o diretor afirma que hoje em dia praticamente não existe mais teatro amador, pois este movimento tão forte em décadas passadas foi se enfraquecendo ao longo do tempo.

Quer dizer então, praticamente não existe mais amadores hoje em dia, porque hoje em dia existem teatros praticados sem profissionalismo em muitas escolas e universidades, que é um trabalho pré profissional, na verdade se dirige para a profissionalização. [...] Quer dizer, hoje em dia não existe né, existem estágios. Mas hoje em dia não existe mais aquela consideração de que o amador é um teatro válido, permanece o teatro amador como um teatro pré profissional (Valter Sobreiro em entrevista com a pesquisadora, em Pelotas, em janeiro de 2014).

Percebe-se nesta fala de Valter Sobreiro a mesma opinião de Chico Meirelles a de que quem faz teatro escolar ou universitário já tem o intuito de mais tarde procurar a profissionalização, se referindo ao registro profissional (DRT). Assim na opinião desses dois diretores teatrais, não existe mais espaço para aquele teatro amador, contestador e político, ou o teatro amador feito por prazer ou hobby, o que existe é um teatro pré ou semi profissional que se torna porta de entrada para o teatro profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a pesquisa busquei entender qual o conceito de ser amador e profissional na área teatral.

Após a realização da pesquisa bibliográfica e prática foi possível chegar à conclusão de que muitos conceitos do ser amador e do ser profissional no teatro foram sendo cristalizados ao longo do tempo, tornando-se “verdades” por repetição, porém sem comprovação verídica.

Discorro a seguir sobre os principais conceitos de teatro amador e teatro profissional identificados tanto na pesquisa teórica, com o referencial bibliográfico, quanto na pesquisa prática, com as entrevistas com os estudantes do curso de Teatro – Licenciatura, assim como nas entrevistas com os diretores teatrais de Pelotas.

O primeiro conceito que aparece de teatro profissional é a questão da remuneração. Em Duvignaud (1972, p. 69) o profissionalismo aparece com a contratação de grupos teatrais pela corte. Nas entrevistas com os alunos o principal ponto para ser profissional se dá pelo fato da remuneração e contratos de trabalho, na maioria das respostas. Já o teatro amador é citado como aquele feito por amor, sem objetivo financeiro. Porém, após as entrevistas com diretores teatrais foram encontradas divergências, pois alguns diretores falam que existe sim a preocupação com o dinheiro no teatro amador, nem que seja para cobrir gastos feitos com a montagem. O que não se pode contestar é que sem dúvida o teatro profissional é feito por dinheiro, o que não exclui o fato de que os artistas que fazem parte deste teatro não possam ser apaixonados pela arte que desempenham.

Outra característica que na opinião de Stanislavski, assim como na dos estudantes de teatro, diferencia o teatro amador do profissional é a questão da qualidade técnica. Na opinião dos diretores entrevistados a qualidade técnica não está ligada ao ser amador ou profissional, pois eles mesmos relatam já terem assistido a espetáculos profissionais de baixa qualidade e a espetáculos amadores de muito boa qualidade, e vice e versa. Concluindo assim que para os diretores teatrais entrevistados o amador e o profissional no teatro não está ligado à qualidade técnica dos espetáculos.

Segundo a opinião dos estudantes o teatro amador é realizado aos finais de semana, nos tempos livres, não sendo levado a sério pelos artistas envolvidos. Após a conversa com os diretores teatrais pude constatar que apesar de muitos grupos de teatro amador conseguirem se reunir somente aos finais de semana, devido as demais atividades desempenhadas pelos artistas envolvidos, isso não quer dizer que não exista uma dedicação ao trabalho, nem uma seriedade com o mesmo, pois se não, não existiriam espetáculos amadores com tanta qualidade técnica, como relataram os diretores entrevistados.

Se levarmos em conta o registro na Delegacia Regional do Trabalho o fator determinante para um artista tornar-se profissional na área teatral, teríamos que pensar que nem todo artista com “DRT” consegue retirar sua renda do trabalho com o teatro, muitos acabam tendo que procurar outra atividade para completar o seu salário. Isso faria dele um amador?

Na opinião dos diretores teatrais Chico Meirelles e Valter Sobreiro, nos dias de hoje não existe mais teatro amador. Para Chico Meirelles teatro amador era aquele feito há décadas atrás, um teatro mais político e contestador, ou aquele feito em reuniões de jovens de maneira livre e improvisada, um teatro espontâneo. Para Valter Sobreiro o teatro amador se extinguiu na década de 1990, quando a Confenata começou a se desfazer acabando por desfazer com as confederações estaduais de teatro amador.

Se levarmos em conta os meios legais a definição para amador e profissional seria muito simples. Teatro amador e artistas amadores seriam aqueles que não possuem o registro na Delegacia Regional do Trabalho. Já os grupos e artistas profissionais seriam aqueles legalizados, com CNPJ, Projeto Político-Pedagógico. Porém pelo fato do teatro amador ter um conceito pejorativo, como aquele que não possui muita técnica, ou que não é levado muito a sério pelos artistas envolvidos, enquanto o profissional tem melhor qualidade técnica e teórica, além de dedicação integral por parte de seus integrantes, essa definição me parece muito abrangente, pois o fato de um grupo ou artista possuir um registro não o faz melhor do que outro que não possui. Ainda mais aqui no Rio Grande do Sul, onde os requisitos para se tornar profissional são tão simples em comparação a outros estados do Brasil.

Sendo assim, penso que, como apontaram os diretores Chico Meirelles e Valter Sobreiro, o teatro amador feito antigamente, contestador, político, socialmente engajado, já quase não é mais encontrado nos dias de hoje. Atualmente o que podemos chamar de teatro amador é o teatro realizado nas escolas e comunidades. O teatro nas escolas assim como o da comunidade geralmente é realizado por artistas de grupos profissionais que vão até esses lugares para desenvolver oficinas teatrais. Também podemos encontrar alunos das universidades que através de projetos de extensão desenvolvem trabalhos artísticos com a comunidade. Na escola também pode ser encontrado aquele teatro realizado geralmente pelo professor de português, literatura,... que, algumas vezes sem referência teatral acadêmica, organiza a montagem e apresentação de peças com os alunos. Existem ainda grupos de teatro que se denominam amadores, porém este tipo de teatro, como disse Valter Sobreiro na entrevista, é um teatro pré-profissional, pois seus artistas de algum modo buscam a profissionalização, almejam retirar sua renda do teatro. É o caso de alguns grupos de teatro formados por alunos durante o curso de Teatro – Licenciatura. Durante sua profissionalização eles formam grupos de teatro amadores, montam espetáculos, realizam apresentações, adquirem experiência para que após a formação possam se dedicar a carreira profissional.

Com isso penso que a maior parte do teatro realizado hoje caminha para o profissionalismo. Pode ser um grupo profissional bom ou ruim, pode ser carente de verbas e recursos artísticos ou ter um bom patrocínio, mas permanece buscando se aproximar do teatro profissional. E o fato de ser um profissional remunerado não faz com que o artista não tenha amor ou paixão pelo teatro, até por que se sua única motivação fosse o dinheiro ele teria escolhido outra profissão, por que sabemos que fazer teatro no Brasil não é nada fácil. Contudo, aquilo que conhecemos como amador segue nas escolas, nos bairros, enfim, nos muitos lugares em que há um profissional que resolva aproximar a linguagem teatral de um grupo qualquer.

Referências

BORGES, Vera. **Actores e encenadores modalidade de profissionalização no mercado teatral português**. Repositório da Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais (ICS) - SOLINC - Artigos em Revistas Nacionais, 2006. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4333/1/Vera_Borges_Publ2006n.1.pdf> Acesso em 20 Out. 2013.

DUVGNAUD, Jean. **Sociologia do comediante**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação a pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2007.

GUISBURG, J. **Stanislavski e o Teatro de Arte de Moscou: do realismo externo ao Tchekhovismo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GUZIK, Alberto. **TBC: Crônica de um sonho**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HESSEL, Lothar Francisco. **O teatro jesuítico no Brasil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1972.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. São Paulo: Global, 2004.

MERVAT-VOUX, Marie-Madaleine. **Os dois teatros**. Seção: Sala aberta. Artigo 3, Volume 1. Edição nº 12, 2012. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57552/60597>> Acesso em 13 jun. 2013.

MOURA, Gyl Giffony Araújo. **De quem é a cena: a regulamentação do exercício dos atores amadores e profissionais no Brasil**. In: Vi Enecult, encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador, 2010. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24850.pdf>> Acesso em 15 jun. 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. **Minha vida na arte**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1989.

_____. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

_____. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SATED/RS. **Escolas, grupos e profissionais**. Disponível em <<http://satedrs.org.br/escolas/#p10>> Acesso em 15 de dez. 2013.

SATED/RS. **Adquira sua capacitação profissional**. Disponível em <<http://satedrs.org.br/filie-se/>> Acesso em 15 de dez. 2013.

Teatro Universitário. Enciclopédia Itaú Cultural Teatro. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=conceitos_biografia&cd_verbete=619> Acesso em 10 de Jan. 2014.

ANTAPROFANA. **Teatro Universitário:** Um grupo de teatro realmente universitário que ajudou a levar a cena brasileira a modernidade. Revista eletrônica teatral Antraprofana. Disponível em <http://www.antaprofana.com.br/materia_atual.asp?mat=163> Acesso em 10 de jan. 2014.

Centro Popular de Cultura da UNE - CPC. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=cias_biografia&cd_verbete=459> Acesso em 10 de jan. 2014.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro da entrevista com Flávio Dornelles

Entrevista

- 1) Em que época você começou a fazer teatro em Pelotas?
- 2) Você concorda com a afirmação: “Teatro amador é feito sem muita técnica nem muito esmero. Em outras palavras, quando a pessoa ou o artista não é muito sabido nos conceitos que envolve a arte.” ?
- 3) Você acha que o teatro que fazia antes era amador e o que faz hoje é profissional?
- 4) Outro fato muito comentado nas respostas dos estudantes é que o teatro amador tem um vínculo esporádico, aquele feito nos tempos livres, finais de semana, enquanto o profissional ele tem carga horária de 4 a 8 horas por dia durante toda a semana. Você concorda com essa afirmação?
- 5) Você acha que o teatro amador pode ser feito por dinheiro também, ou ele é feito somente por paixão e amor ao teatro?
- 6) Existe mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o teatro profissional em Pelotas?

Apêndice B – Roteiro da entrevista com Chico Meirelles

Entrevista

- 1) Em que época você começou a fazer teatro em Pelotas?
- 2) Quanto tempo você permaneceu no grupo de Escola Técnica?
- 3) Já trabalhou com o teatro profissional?
- 4) Hoje em dia você faz parte de algum grupo de teatro?
- 5) As apresentações feitas com o grupo teatral da escola Cassiano são cobradas?
- 6) Este grupo contrata artistas profissionais?
- 7) Você acha que o teatro amador é inferior no sentido da técnica teatral em relação ao profissional?
- 8) Você vê o teatro escolar como uma porta de entrada para o teatro profissional?
- 9) Um fato muito comentado na entrevista com os alunos foi que o teatro amador é aquele feito por paixão e por amor ao teatro enquanto o profissional é feito somente por dinheiro. Você concorda com essa afirmação?

Apêndice C – Roteiro da entrevista com Valter Sobreiro

Entrevista

- 1) Em que época você começou a fazer teatro em Pelotas?
- 2) Você começou como ator?
- 3) Hoje em dia faz parte de algum grupo de teatro? O que estas fazendo no campo teatral?
- 4) Entrando agora nos temas amador e profissional, Você que já teve experiência com grupos amadores e com grupos profissionais, qual você acha que é a principal diferença entre esses grupos?